Sistemas emergentes, intersistemas culturais: o estudo do mundo lusófono no sistema literário galego ^[1]

Elias J. Torres Feijó
Galabra – USC

A partir das hipóteses que se podem colocar no estudo da presença no SLG de elementos do mundo lusófono e como quadro dum projeto de investigação mais alargado, a presente comunicação visa: a) concretizar o carácter e o(s) sentido(s) desses contatos intersistêmicos num período de definição do sistema galego e dos seus modos de relação, permitindo deduzir tendências e objetivos e cuja interpretação possa contribuir para a planificação dos mesmos e, b) construir umas bases metodológicas para a análise desta classe de fenômenos.

Os sistemas emergentes e as suas saídas

A análise e interpretação dos processos que podemos denominar de sistematização cultural, entendidos estes como os conducentes à consolidação e garantia dum sistema cultural/literário etc. nas suas dimensões institucional e mercantil, na repertorial (nos materiais e modelos constitutivos dos produtos) e nas da produção e recepção dos produtos culturais/literários etc., comporta uma variável nacional do conceito de (polis-)sistema de Even-Zohar que desenvolvemos a partir da consideração da Teoria Polissistêmica deste estudioso: ao lado do entendimento da atividade literária como uma rede formada por uma série de macro-fatores: instituição, mercado, produto, repertório, produtor e receptor, num dado espaço social ou sociopolítico, o da consideração das redes que concorrem num mesmo espaço social pelo domínio sistêmico do mesmo. Para o caso que nos ocupa, podemos então estudar o sistema literário na Galiza ou podemos estudar o sistema literário galego e o sistema literário espanhol na Galiza. Da primeira perspectiva se deduzirá um confronto pela dominação sistêmica nesse espaço social que não se situa no nível repertorial, mas no de todos e cada um dos macro-fatores sistêmicos vinculáveis a esse espaço social e que conduz à determinação da segunda perspectiva indicada.

Ora, situados nesta segunda perspectiva, quase é regra geral que todo o sistema literário ultrapassa o espaço social e político originário da sua atividade; e pode mesmo, hipoteticamente, não atingir a todas as pessoas ou âmbitos do mesmo, como pode atingir, ou ser atingido, por

outras pertencentes em origem a espaços sociais e políticos diferentes. O sistema literário português, por exemplo, não é explicável apenas pelas atividades literárias desenvolvidas no Estado Português, devendo alargar-se essa consideração a todos aqueles que de uma ou de outra maneira participam desse sistema. O italiano Antonio Tabucchi, ponhamos por caso evidente, é um importante agente no referido sistema, que não pode ser posto de parte se se quer estudar, exemplifiquemos outra vez, o campo literário português contemporâneo.

Esta perspectiva comporta necessariamente a consideração das delimitações entre sistemas, consideração que tem uma importância decisiva na medida em que o que comumente se entende por literatura, e que aqui podemos reduzir a produtos e produtores, se vincula ao conceito de Nação e nacional. Deste ponto de vista, a necessidade da delimitação do que é ou não é literatura pátria estriba-se no valor identitário que a esta se atribui a respeito da Nação e das virtualidades (políticas, sociais, econômicas, culturais...) que desse valor identitário se possam derivar. Assinalemo-lhe uma substantiva: a fundamental função de contribuir para manter a coesão socionacional. Por isso as “literaturas nacionais/regionais, etc.”, como as “histórias nacionais, regionais, etc.” são objeto de educação, formal, não formal e informal na comunidade. Pode isto verificar-se com apenas nos interrogarmos por que na Primária e na Secundária se estuda obrigatoriamente Literatura Portuguesa e História de Portugal e não, por exemplo Chinesa ou das Beiras.

Sistema literário não é assim sinônimo de literatura nacional portuguesa. Mas é vontade dos grupos ou agentes dominantes que conseguem impor a combinação dos seus critérios delimitadores da literatura nacional como legítimos que os elementos que delimitem esta devem ser igualmente projetáveis no sistema literário. São a esses elementos que denominamos normas sistêmicas, que atuam também como princípios básicos que se ativam na participação no tal sistema, e de cuja interpretação depende o uso, a posição e a função que se faça ou tenha do e no mesmo. Assim, as literaturas nacionais (os produtos, os produtores, e por vezes as instituições como garantias do mesmo, etc.) definem-se pela combinação ou não do uso de determinada(s) língua(s) nos produtos, pelo lugar de nascimento ou morada do escritor, pela raça, por estes ou outros elementos. A imposição desses critérios *nacionais* costuma conhecer a sua homologia no campo do poder, na medida em que se procura no aparelho político-jurídico que engloba o espaço social em foco a garantia da imposição dos mesmos: o ensino em português ou o dever legal de

conhecer o(s) idioma(s), por exemplo. Eis como o conjunto de macro-fatores sistêmicos atuam como garantias da existência e do modo de existir do sistema, correspondendo sobretudo à dimensão institucional do mesmo a canalização da dominação no campo do poder. Isto explica que, entendido o sistema literário dum dado espaço sociopolítico como uma rede em que se garanta a existência duma literatura nacional, as balizas que se querem impor são as mesmas que as que delimitam a literatura nacional. Exemplificando outra vez com o caso português, teremos assim um sistema literário português que tem como norma sistêmica no seu espaço sociopolítico (o Estado Português) a língua portuguesa, alargável a outros utentes fora desse espaço, por exemplo a eventuais enclaves (os portugueses dos Estados Unidos) ou a receptores em língua inglesa de textos *originariamente* produzidos em português. Naturalmente, as normas sistêmicas são um dispositivo a atuar quando se pretende ubicar um autor ou um texto, identificá-lo (o que não implica que sempre predominem as normas sistêmicas do sistema de origem); mas são igualmente um dispositivo que condiciona ou determina a participação no sistema em causa e atua como definidor das adscrições que se pretendam: assim, pode um receptor espanhol interpretar que *La balsa de piedra* de José Saramago pertence à literatura espanhola: o receptor aplicou possivelmente as normas sistêmicas dominantes no seu espaço social: a língua espanhola e, eventualmente, a interpretação do nome como espanhol; pode um crítico espanhol falar do escritor espanhol de origem portuguesa José Saramago, fazendo do lugar de residência do escritor e, talvez, da sua participação no sistema literário espanhol, preponderante norma sistêmica. Como pode uma editora publicar um texto em norueguês no Porto e distribuí-lo pelas livrarias de Portugal: o texto não será perspectivado como pertencente à literatura nacional portuguesa (a não ser que logrem impor o norueguês como norma sistêmica da literatura nacional lusa...), não funcionará portanto no sistema literário português e dificilmente terá muitas vendas no espaço social em que esse sistema é dominante.

Camões é hoje indiscutivelmente um escritor nacional português, em virtude de ser português de nacionalidade e de ter escrito em português. *Os Lusíadas* são indiscutivelmente um texto nacional português, pertencente à literatura nacional portuguesa: a sua língua de produção foi a portuguesa e (e, para satisfação dos *requisitos sistêmicos* de alguns, ademais, o seu autor era português de nascimento). Mas, e a sua redondilha, que começa por “Dióme Amor tormentos dos/ para que pene dobrado”?

A aceitação desta redondilha como literatura nacional (e a sua consideração dentro do sistema literário português garantia daquela) é conflitiva. E o conflito assenta precisamente no valor identitário e de coesão a que antes nos referíamos: na procura duma continuidade e duma coerência entre as normas sistêmicas existentes e a definição do que é ou não é nacional, cuja origem é situada no início da Nação e do sistema que o garante. Digamos de passagem, que o exemplo de Camões não foi puxado aqui por acaso: a canonização e determinados autores e elementos repertoriais num sistema é eloquente expressão da interrelação existente entre Nação, sistema e literatura... De resto, do ponto de vista sistêmico, a redondilha camoniana é suscetível de ser incorporada como objeto de estudo; do ponto de vista *nacional*, os princípios de visão e divisão impostos como legítimos para a definição do mesmo, fazem com que se situe fora da literatura nacional, e, inclusive, que fique em *terra de ninguém*, ou mesmo que seja *incorporada* à literatura espanhola...

Estes elementos, que podem aparecer como neutralizados ou secundarizados em sistemas consolidados, aparecem em casos como o galego (ou como o angolano, brasileiro ou irlandês nos seus momentos) como expressão primeira de um conflito, manifestando as carências sistêmicas dos promotores de processo de sistemização. Por essa razão, entendemos que sobretudo em casos como estes deve atingir importante relevo a detecção e/ou dedução do que os aludidos agentes implicados interpretam, implícita ou explicitamente, como carências sistêmicas, e a eventual formulação programática e/ou prática e intervenção que de aí releva. É a essas interpretações de carências sistêmicas a que denominamos défices projetivos, “na medida em que indicam um vazio que se quer preencher (ou uma presença que se quer substituir), um projeto que se quer realizar”, diferente segundo os distintos interesses e grupos em jogo. Nesses casos, verifica-se a impossibilidade ou a incapacidade dos agentes para aplicarem de maneira plena e sistemática alguma(s) das propostas que fazem parte do seu programa de ação. Essas circunstâncias, verificáveis muito particularmente em contextos de dependência política, econômica e cultural de um outro sistema (pense-se no caso brasileiro do século XVIII ou no angolano de meados do século XX) costumam atingir não apenas à sobrevivência ou desenvolvimento do (protos-)sistema em foco, mas também à sua própria definição e delimitação, às suas normas sistêmicas; pense-se, por exemplo, nas pugnas pela delimitação da literatura nacional angolana ou moçambicana e as suas implicações sistêmicas ou na dificuldade dos grupos galeguistas imporem desde o século

XIX a língua própria como norma sistêmica. Isso fará com que o (proto-)sistema se apresente e desenvolva de maneira ambígua e corra o risco de confundir-se com formulações subsistêmicas (quer dizer-se, apresentando particularidades no modo de produzir-se algum(-ns) dos seus macro-fatores, mas fazendo parte de um sistema a que não pretende substituir) ao funcionarem como muito como normas do repertório (materiais cujo uso é mais *genuíno* para os *macro-fatores* em jogo são os produtos que não delimitem o sistema), ou ao funcionarem no mesmo espaço social ao lado de normas sistêmicas procedentes do sistema de que se quer emancipar, como o caso da língua.

Por outro lado, e como já se pode deduzir, e igualmente pertinente atender ao fato de os processos de sistemização/emancipação mostrarem homologias com atividades praticadas no campo do poder (com as vinculadas com as que antes denominávamos garantias, por exemplo) ou com atividades não praticáveis nesse campo, caso em que a expressão cultural, particular e geralmente a literatura, se apresenta como espaço privilegiado, na pugna de grupos promotores de sistemas literários emergentes por ganhar âmbitos disputando a outros o controle institucional e mercantil e tentando validar assim as suas normas sistêmicas e o seu repertório no seio de um mesmo espaço social. Nessas circunstâncias, em que costumam existir défices na ação política do (s) grupo(s) promotor(es), a produção e, em geral, a atividade literária tende a carregar-se importante sentido político.

Para o preenchimento desses défices projetivos, numa ou em várias das dimensões sistêmicas (ou fatores, se se preferir na terminologia de Even-Zohar) os agentes ou grupos implicados podem recorrer, quanto à origem dos materiais utilizáveis, à importação, à produção e/ou à tradição próprias, as três fontes constitutivas dos sistemas literários e culturais, cujos peso e proporção determinam o estado dos sistemas e o seu processo (Lambert).

Em muitos casos, a disposição desses grupos atuantes nos denominados sistemas emergentes (e que podemos chamar protossistêmicos), é acudir à transferência de elementos ou materiais extrassistêmicos, em um fenômeno que Even-Zohar denominou Lei de proliferação, e, em geral, ao contato ou relação com outros sistemas para o reforço, legitimação, auto-suficiência sistêmica, etc. do seu projeto sistêmico, umas relações que podem tomar diferente feição em virtude de fatores de acessibilidade, prestígio, imaginário etc., assim como a partir da consideração do Outro e dos estereótipos que circulem em cada um dos sistemas em causa.

Uma das possibilidades sistêmicas desses grupos é a de acudir a espaços intersistêmicos existentes previamente ou a (co-)construí-los com outros agentes de sistemas com os que se tem ou constituem elementos comuns, que podem ir desde a partilha de normas sistêmicas ou materiais de repertório predominantes, até em similares circunstâncias sociopolíticas de intersistemas (Bassel), caso dos bascos, catalões e galegos, etc. a respeito do Estado Espanhol na época contemporânea (com plataformas institucionais como Galeuzca, por exemplo) ou tenham um referente de oposição comum, etc.: estender-se, legitimar-se, defender-se podem ser as razões primeiras que animam esses espaços e o desenvolvimento destes intersistemas culturais.

Essa comunidade de elementos faz com que grupos ou agentes tenham aí um espaço prioritário de atuação ou que a circulação de produtos seja mais acessível, ou o que seja. Podem ser estáveis ou não: como os lingüísticos ou os políticos.

Eis onde o nosso estudo se situa: na análise e interpretação das relações, presenças e contatos de um sistema emergente (SE), o Galego, com outros com os que pode constituir um intersistema cultural e que, em parte, atuam como o seu referente de reintegração, Portugal, Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. E, não sendo imprescindível para a análise, sim queremos fixar as hipóteses e pressupostos que na relação inversa (Galiza no intersistema luso-afro-brasileiro das últimas três décadas) percebemos. A sua utilidade radica no maior entendimento dos modos relacionais que isto permite e na interpretação das reações que perante a presença de repertórios galegos se vive de modo dominante nos sistemas em foco, o que, por sua vez, repercute no modo e extensão do relacionamento, contato e presenças desde o Sistema Literário Galego.

Galiza nos sistemas luso e brasileiro das últimas três décadas

Pondo de parte trabalhos de carácter programático, o que se observa como linhas conclusivas é que, historicamente, e também na atualidade, a relação galego-portuguesa, em termos culturais e literários, foi assimétrica, central na maioria dos setores do galeguismo e periférica sempre por parte lusa, mais retórica que real, mais individual que grupal ou organizada; e que uma circunstância similar estará produzindo-se hoje, mas com alguma indiferença por parte galega perante a atitude percebida do lado português, exceto exceções.

De todas as maneiras, a bibliografia de que dispomos e os trabalhos realizados por membros da equipe de Investigação Galabra, tanto os referidos à etapa que vai do Renascimento a 1936, como os que têm por objeto a época contemporânea, e tanto os que atendem à relação como contato como os que o fazem como presença/ausência, permitem verificar uma situação parcialmente diferente, que podemos sintetizar num interesse crescente de determinadas elites intelectuais lusas, brasileiras e de alguns países africanos de língua oficial portuguesa pelo tema galego, desde a historiografia e a filologia até a literatura, chegando nas décadas de vinte e trinta a incorporar materiais de origem galega nos seus repertórios e, para o caso inverso, o fato de o galeguismo ter-se nutrido, desde o seu início, de materiais lusos para reforçar aspectos do seu repertório e do seu sistema em geral, converteram ao sistema português em repertório e referente central desde as suas origens. Esta situação intensificou-se até 1936, em que a guerra civil e as suas conseqüências colocaram o relacionamento em termos de baixa intensidade, sem chegar a ser inexistentes (de todas as formas esta é uma etapa nada estudada na historiografia cultural). A recuperação democrática trouxe um novo impulso ao relacionamento e à transferência galego-lusa.

No caso galego detecta-se uma substantiva importação de materiais lingüísticos e referentes culturais procurando reforçar o intercâmbio e o entendimento galego-português e mostrando um conhecimento relativamente amplo da realidade lusa, dito isto como hipótese geral.

Podemos aqui adiantar uma síntese dos nossos trabalhos e conclusões em fase de redação derivados do Projeto, já praticamente concluído no dia de hoje “Galiza en las literaturas portuguesa e brasileira das últimas três décadas”, do que em nossa relação bibliográfica aparecem publicações vinculadas ao mesmo.

Com Portugal

1. Ao outro lado da fronteira, sistêmica, constata-se um processo de ruptura com o tipo de interlocutores que o relacionamento galego-português conhecia na fase ditatorial, alguns provenientes da época do pré-guerra.
2. Mantém-se, atenuados, os estereótipos sobre o galego historicamente constituídos: rude, trabalhador, torpe.

3. Produz-se uma presença do mundo galego no sistema literário português de caráter periférico, progressivamente maior a partir de finais dos oitenta (processo a que não é alheia a queda das duas ditaduras, a entrada dos dois estados na UE, e a normalização democrática e de relações dos agentes culturais em causa, assim como a configuração estrutural de esquemas como o do Eixo Atlântico).
4. Os escritores atentos ao mundo galego nas suas obras são fundamentalmente pessoas com vínculos amicais ou familiares na Galiza. Um terceiro grupo é o constituído por aqueles que conhecem a Galiza fisicamente.
5. Conectados em parte com os estereótipos, são os principais imaginários utilizados os que tem a ver com o mundo da emigração e a esfera do remoto (Finisterrae) de que se derivam os demais (mistério, incógnito, ruralidade).
6. O mundo refletido é conseqüentemente o rural.
7. Na perspectiva que se oferece da Galiza como identidade lingüística e cultural, o contato galego-português está presidido pela distância, com alguma exceção em que há sempre uma vontade de aproximação lingüística, de *entendimento* comunicacional e cultural. O galego é sistem(at)icamente incluído no mundo lusófono.
8. Quando são utilizados materiais galegos para explicar Galiza, estes são (des/in-) formados pelo distanciamento operado pelos autores, que dirigem aos seus leitores uma construção exotizante, selecionando aqueles que melhor servem aos seus objetivos textuais em que salienta o relevo de um mundo galego misterioso e incógnito, que assim permanece; e toda a exotização mostra, pelo menos em parte, pouca vontade de transmissão e de entendimento. Exotização em parte equivalente à utilizada (e ao modo de funcionamento) por autores como Camilo J. Cela ou Torrente Ballester (ou anteriormente por Pardo Bazán, por exemplo, e na atualidade pelos periódicos madrilenhos e algum escritor galego) para dirigir-se, com as suas obras em castelhano ou traduzidas para espanhol, ao público dessa língua, diretamente.
9. Mas esta conclusão não exclui esta outra: a de que, mais além de barreiras e tópicos, o mundo galego, desconhecido pelo geral para o *português-médio*, aparece aos olhos de eventuais colegas culturais (visão talvez nutrida de alguma transferência do colega galego) como distante e diverso; é o espelho, côncavo ou convexo dos textos estudados, unido ao efeito bumerangue das possíveis *leituras galegas* (i.e. *desde* o sistema literário galego) desses textos, evidencia um espaço

sociocultural com extraordinários problemas de definição e situação, precisamente. E assim, os textos objeto da nossa análise passam a constituir, igualmente, uma literatura de autognose para o espaço cultural galego que a eles se vincula.

10. Continuam a manter-se as condições imprescindíveis de pré-conhecimento e acordo; existe inteligência nos materiais: mistério, enigmas, superstições, investigações, emigração, ruralidade, periferia...

Com o Brasil

11. Pelo que diz respeito aos materiais de repertório temáticos, três eixos são centrais: a memória da Galiza ancestral, o mundo medieval galego e especialmente a emigração são os temas mais recorrentes neste tipo de produções. O primeiro costuma entrecruzar-se com os outros dois.

12. Galiza é vista sistematicamente como *rural e remota*.

13. Pretende-se refletir o mundo da emigração, desde os seus inícios no século XX e singularizando Galiza como lugar mítica e nebulosamente originário do Brasil. A ruralidade e um relativo exotismo são notas predominantes. O gênero fundamental é o romance.

14. O galego por antonomásia é o emigrante. Mantém-se similares estereótipos que com relação a Portugal, mas aqui vistos de maneira mais positiva e mítica. Constituem os elementos fundamentais do galego a sua luta pela sobrevivência econômica, o seu caráter teimoso e esforçado; e a sua vontade ou não de integração ou adaptação ao meio.

Linhas argumentais

– O processo de integração ou não do emigrante no novo mundo em que ingressa.

– O contraste entre uma Galiza rural e um Brasil urbano.

15. Pelo que diz respeito à Galiza Medieval (predileto objeto de estudo dos investigadores culturais dedicados a assuntos galegos) duas são as vertentes principais:

– O caminho de Santiago centra um discurso místico, sobrenatural, de peregrinações, nutrido duma fortíssima componente exótica (gênero fundamental: romance)

– Mas também nutre outro tipo de imaginário: o que tem a ver com a lírica galego-portuguesa (este, sobretudo em poesia).

16. Coincidente em parte com a recepção portuguesa, o caso brasileiro oferece em geral um olhar menos estereotipado e mais passível de ser revisitado que na relação galego-portuguesa.

Com a África lusófona

A presença da África lusófona no mundo galego e vice-versa é praticamente inexistente: cabe indicar alguma obra do escritor de Cabo Verde, Gabriel Mariano (*Vida e morte de João Cabafume*) em que funciona o estereótipo do galego/lisboeta.

Com um sistema e um inter-sistema em que são postulados vínculos particulares é imprescindível para a sua compreensão que este atenda aos seguintes aspectos, no caso que nos ocupa:

- a) A caracterização do campo do poder dos sistemas em jogo.
- b) O imaginário e a interpretação do Outro que a sociedade galega no seu conjunto e nos seus grupos mantém a respeito de Portugal e o mundo lusófono.
- c) As relações (econômicas, sociais, políticas, etc.) estabelecidas entre os espaços sociais considerados.
- d) A situação do galego e da sua literatura na altura: ensino, leis, meios de comunicação.
- e) A caracterização das normas sistêmicas de cada sistema em jogo.
- f) A determinação dos indivíduos/setores/grupos atuantes no sistema e dos interesses “literários” e “extraliterários” que veiculam nele. Neste sentido a determinação dos recursos e instrumentos mobilizados (políticos, institucionais, financeiros, humanos, etc.)
- g) A caracterização dos agentes e grupos literários implicados e ativos no sistema objeto de estudo sobre a produção literária e cultural veiculada com o galego.
- h) Os papéis jogados pela produção literária galeguista e o sistema literário galeguista a respeito doutros campos e em relação com o seu espaço social e a caracterização geral da sua autonomia/heteronomia.
- i) A determinação da hierarquia de repertórios utilizados.
- j) O papel da importação/produção/tradição no sistema e em relação com os seus macrofatores.
- k) As valorizações existentes na sociedade galega sobre a produção literária e cultural veiculada com o galego e da consolidação dum sistema literário com a língua galega como norma sistêmica.

l) O imaginário e a interpretação do Outro por parte do conjunto de macro-fatores sistêmicos a respeito de Portugal e o mundo lusófono.

m) A determinação das funções e posições dos elementos procedentes dos outros sistemas e dos vários repertórios de “Portugal e o mundo lusófono” no sistema e dos grupos e agentes implicados. Dentro desta dimensão:

– A análise da origem e evolução dos contatos, tendo em conta os fatores que as condicionam.

– A evolução dos grupos em jogo em relações com os elementos repertoriais vinculáveis a Portugal e o mundo lusófono.

– As implicações para o campo cultural e do poder que daí se derivem.

n) Detectar e avaliar as estratégias de êxito e fracasso dos diferentes grupos e agentes em questão.

O estudo das relações, presenças, contatos e transferências entre o sistema literário galego e o intersistema luso-afro-brasileiro

No caso que nos ocupa, uma das potenciais relações e contatos dos agentes galeguistas é o sistema cultural português e, na sua extensão, o intersistema luso-afro-brasileiro. A sua potencialidade assenta na proximidade geográfica e, particularmente, no conjunto de vínculos históricos, humanos, culturais e especialmente lingüísticos que se postulem e na existência dos contatos, presenças e relações que determinadas elites galeguistas mantiveram com elementos do sistema português, sobretudo desde o surgimento dos movimentos protossistêmicos galeguistas desde o século XIX. Nesse processo, o entendimento de Portugal como referente de reintegração, analogia ou emulação, tem estado sistem(at)icamente presente.

Destarte, e tendo presentes as precedentes considerações e a partir dos referidos princípios metodológicos e dos instrumentos expostos, o estudo de objetos como o que aqui nos ocupa apresenta não apenas a relevância de estudar os agentes e grupos em jogo e os seus interesses, mas o de entender o presente e o imediato futuro a partir do conhecimento e explicação dos processos e mecanismos do(s) sistema(s) em foco.

Para isto, partimos das seguintes determinações:

a) Estudamos um caso de emergência sistêmica vinculado a um processo complexo de evolução política e social que passa por diversas fases no quadro político-jurídico em que se desenvolve e que apresenta relações complexas com outros sistemas e espaços sociais próximos.

b) Estão em jogo como elementos significativos o fato de existirem grupos na Galiza e os seus enclaves que pretendem uma mudança sociopolítica que passa pela efetivação dum sistema e pela posta em valor de determinados repertórios numa situação de ditadura política num regime emanado duma guerra civil cuja memória tem um determinado valor. Isto implica a consideração de um possível referente de oposição (uma elaboração de contrários que se pretende combater e do que se quer segregar) complexo em função dos grupos, défices e condicionantes em jogo no regime, *no espanhol*, no centro, etc.

c) Portugal e o mundo lusófono fazem parte dum histórico referente de reintegração (uma elaboração de iguais que se pretende contatar, prezar e de quem se pretende aproximar) do galeguismo com diferentes dimensões. O peso e apreciação relativos dos elementos e bases em que se alicerça essa consideração determinam ou condicionam potencialmente a evolução sistêmica e contribui para interpretar os interesses em jogo. Os modos e repertórios, neste sentido, estarão em interação com forças e agentes intra e extra-sistêmicos e contribuirão para caracterizar as orientações pretendidas para o sistema: na sua relação com outros sistemas, na sua ubiqação inter-sistêmica e na conseqüente instrumentalização e possibilidades que se oferecem ou negam aos utentes do sistema. Igualmente, Portugal pode funcionar como um referente de analogia ou não em função da sua evolução político-social.

Por último, e para além dos objetivos intrínsecos indicados ao longo da presente comunicação, queremos indicar um outro, cujo quadro apresentamos aqui: o de aprofundar na adaptação de pressupostos tomados das teorias polissistêmica e de campo literário para análises de fenômenos como a que propomos; nesse sentido, propomos o quadro teórico-metodológico anterior; e outro, extrínseco, que entendemos benefício extrínseco que se deriva da proposta investigadora que aqui expomos: a que se concretiza na fundamental componente de planificação cultural que dele se deriva: para os fatores sistêmicos caracterizados, para os agentes em causa e para qualquer âmbito público ou privado que queira intervir no mesmo. Investigações e aproximações anteriores realizadas por membros do Grupo de Investigação GALABRA que têm permitido levar a cabo eventos culturais de importância na Galiza, facilitando o desenvolvimento de projetos conjuntos e de colaboração entre elementos dos diferentes sistemas e aberto um campo de relações com entidades públicas e privadas interessadas no relacionamento galego-luso-afro-brasileiro, assim o mostram. Ações de assessoramento e gestão também carecem de

estudos deste tipo. Eis um caminho que os estudos literários e culturais atuais devem, em nossa opinião, empreender decididamente.

[1]

Este trabalho faz parte do projeto “Portugal e o mundo lusófono na Literatura Galega dos últimos trinta anos” do Grupo GALABRA – USC, parte do qual subsidiado pela Junta da Galiza.